

1801. Acabo de regressar de uma visita ao meu senhorio. O vizinho insociável que me causará aborrecimentos. Esta é, sem dúvida, uma bela região! Acho que não conseguiria encontrar em toda a Inglaterra um lugar tão completamente afastado do tumulto da sociedade. O perfeito paraíso do misantropo — e Mr. Heathcliff e eu formamos um par muito adequado para dividirmos a desolação entre nós. Um excelente tipo! Nem imaginou como o meu coração pendeu para ele quando vi os seus olhos pretos ocultarem-se tão desconfiadamente sob as sobrancelhas, ao ver-me aproximar a cavalo, e quando os seus dedos, com uma resolução ciosa, se afundaram ainda mais nos bolsos do colete, ao ouvir-me anunciar o meu nome.

— Mr. Heathcliff? — perguntei?

Obtive por resposta um aceno de cabeça.

— Mr. Lockwood, o seu novo inquilino. Fiz questão de vir o mais depressa possível, após a minha chegada, para lhe exprimir a esperança de não lhe ter causado transtorno com a minha pertinaz insistência em alugar a Granja de Thrushcross. Ouvi dizer, ontem, que o senhor tinha pensado...

— A Granja de Thrushcross é minha — interrompeu, estremecendo. — E eu não permitiria que ninguém me causasse transtorno, se pudesse impedi-lo. Entre!

O «entre» foi dito com os dentes cerrados e soou-me mais a um «Vá para o Inferno!» do que a um convite. Nem mesmo a cancela sobre a qual se debruçava evidenciou qualquer movimento concordante com a palavra, e acho que foram as circunstâncias que me decidiram a tomá-la à letra: interessava-me um homem que parecia mais exageradamente reservado do que eu próprio.

Quando viu o peito do meu cavalo empurrar praticamente a barreira, tirou a mão do bolso para a desacorrentar e, depois, precedeu-me carrancudamente pelo caminho acima, chamando, quando entrámos no pátio:

— Joseph, leve o cavalo de Mr. Lockwood e traga vinho.

«Aqui temos todo o pessoal doméstico, suponho», foi a reflexão que me inspirou aquela ordem dupla. «Não admira que a erva irrompa entre as lajes e o gado seja o único corta-sebes.»

Joseph era um homem idoso, melhor, era um velho, talvez mesmo muito velho, mas rijo e vigoroso.

— O Senhor nos ajude! — monologou em voz baixa repassada de rabugento desagradado, enquanto tomava conta da minha montada — e olhando-me, entretanto, com tamanho azedume que conjecturei caridosamente dever ele precisar de ajuda divina para digerir o jantar e, portanto, a sua exclamação devota não tinha nada que ver com o meu inesperado aparecimento.

A residência de Mr. Heathcliff chama-se Monte dos Vendavais em virtude da turbulência atmosférica a que a sua localização a expõe, em tempo borrascoso. Na verdade, ventilação pura, estimulante, é coisa que nunca lhes deve faltar, lá em cima: pode avaliar-se a força do vento norte, quando sopra sobre a quina, pela inclinação excessiva de alguns abetos anões, ao fundo da casa, e por um renque de espinheiros esqueléticos, com todos os ramos estendidos para um lado, como se pedissem esmola ao Sol. O arquitecto teve, felizmente, a previsão de a construir sólida, com as janelas estreitas profundamente encravadas na parede e as esquinas defendidas por grandes pedras salientes.

Antes de cruzar a soleira, detive-me a admirar a profusão de esculturas grotescas que adornam a fachada, e sobretudo as imediações da porta da frente, sobre a qual, entre uma exuberância desordenada de grifos a desfazerem-se e rapazinhos descarados, detectei o ano de «1500» e o nome de «Hareton Earnshaw». Teria feito alguns comentários, e pedido ao carrancudo proprietário uma breve história do lugar, mas a sua atitude à porta parecia exigir a minha entrada imediata ou a minha partida definitiva, e eu não tinha o mínimo desejo de exacerbar a sua impaciência antes de inspecionar a intimidade interior.

Um degrau levou-nos à sala de estar da família, sem qualquer vestíbulo ou corredor introdutivo: chamam-lhe aqui, com pompa, «a casa». Costuma incluir a cozinha e a sala, mas suponho que no Monte dos Vendavais a cozinha foi forçada a recuar inteiramente para outro cómodo, pelo menos distingui um tagarelar de conversa e um entre-

chocar de utensílios culinários, lá muito para dentro, e não lobriguei qualquer indício de que o grande lar fosse utilizado para assar, guisar ou cozer, nem qualquer brilho de caçarolas de cobre ou passadores de estanho nas paredes. Um dos lados, na verdade, reflectia esplendidamente tanto luz como calor, graças às filas de imensos pratos de pelitre, com jarros e canecas de prata intercalados, que se erguiam, fiada sobre fiada, num enorme aparador de carvalho, mesmo até ao tecto. Este nunca tinha sido rebocado, toda a sua anatomia estava exposta aos olhares curiosos, excepto onde uma estrutura de madeira, carregada de bolos de aveia e cachos de pernas de boi e carneiro e presuntos, a ocultava. Por cima da chaminé viam-se diversas espingardas antigas horrendas e um par de pistolas de arção, e dispostas ao longo da consola, à guisa de ornamento, três caixas de folha berrantemente pintadas. O chão era de pedra branca, lisa; as cadeiras, estruturas primitivas, de espaldar alto, pintadas de verde, e uma ou duas, pretas e pesadas, a espreitar na sombra. Num arco, debaixo do aparador, repousava uma enorme perdi-gueira cor de fígado, rodeada por uma ninhada de cachorros ganidores; e havia outros cães noutros recessos.

O aposento e o mobiliário não seriam nada de extraordinário se pertencessem a um simples agricultor do Norte, de semblante obstinado e pernas robustas, realçadas por calções pelo joelho e polainas. Um indivíduo desses, sentado na sua cadeira de braços, com uma caneca de cerveja espumejante na mesa redonda à sua frente, encontra-se com frequência num raio de oito a dez quilómetros à roda destes montes, se formos na hora certa, depois do jantar. Mas Mr. Heathcliff forma um contraste singular com a sua residência e o seu estilo de vida. No aspecto, cigano de pele escura; no vestuário e nas maneiras, um cavalheiro — isto é, tão cavalheiro como muitos senhores rurais: um tanto desleixado, talvez, mas sem parecer mal no seu desleixo, porque tem uma bela figura desempenada e um ar soturno. Algumas pessoas poderiam suspeitar de uma certa dose de orgulho insolente. Dentro de mim, porém, uma corda sensível compreensiva diz-me que não se trata disso; sei instintivamente que a sua reserva provém de uma aversão a demonstrações ostensivas de sentimento, a manifestações de amabilidade mútua. Ama e odeia, igualmente em segredo, e considera uma espécie de impertinência ser amado ou odiado em troca... Não, estou a andar demasiado depressa, a conferir-lhe com excessiva liberalidade os meus próprios atributos. Mr. Heathcliff pode ter razões absolutamente diferentes das que me movem a mim para manter a sua mão afastada, quando encontra algum futuro conhecimento. Permitam-me

imaginar que o meu temperamento quase pode ser considerado peculiar: a minha querida mãe costumava dizer que eu nunca teria um lar confortável, e ainda o Verão passado provei que sou absolutamente indigno de o ter.

Quando gozava um mês de excelente tempo à beira-mar, pude apreciar a companhia de uma criatura extremamente fascinante, uma verdadeira deusa, a meus olhos, enquanto ela não reparou em mim. «Nunca declarei o meu amor» por palavras; mas, se os olhares falassem, até um simples idiota teria percebido que eu estava loucamente apaixonado. Ela compreendeu-me, por fim, e foi a sua vez de olhar — o mais doce de todos os olhares imagináveis. E que fiz eu? Com vergonha o confesso: recolhi-me geladamente dentro de mim mesmo, como um caracol, tornei-me, a cada olhar, mais distante e frio, até que a pobre inocente foi forçada a duvidar dos seus próprios sentidos e, acabrunhada de confusão pelo seu próprio erro, persuadiu a mãe a levantar arraiais.

Devido a este curioso pendor de temperamento, ganhei fama de insensibilidade — e só eu sei quão imerecida!

Sentei-me do lado da lareira oposto àquele em cuja direcção o meu senhorio avançava, e preenchi um intervalo de silêncio tentando acariciar a mãe canina, que abandonara a ninhada e se esgueirava vorazmente para os meus calcanhares, de beicho arreganhado e dentes brancos aguçados por uma dentada.

A minha carícia provocou um longo rosnido gutural.

— É melhor deixar a cadela em paz — rosnou, em unísono, Mr. Heathcliff, abortando demonstrações mais violentas com um pontapé. Ela não está habituada a mimos, nem a ser uma mascote.

Depois dirigiu-se para uma porta lateral e gritou de novo:

— Joseph!

O criado resmungou indistintamente, nas profundezas da cave, mas não deu nenhuma indicação de que subia; por isso, o seu amo resolveu descer ao seu encontro, deixando-me a sós com a cadela, briguenta e um par de cães de pastor desgrenhados e ferozes, que partilharam com ela uma vigilância ciosa de todos os meus movimentos.

Nada ansioso por estabelecer contacto com os seus colmilhos, deixei-me ficar quieto; mas, imaginando que com certeza não entenderiam insultos tácitos, tive a infeliz ideia de piscar o olho e fazer caretas ao trio, e alguma faceta da minha fisionomia deve ter irritado de tal modo a dama que, de súbito, ela irrompeu numa fúria e saltou para os meus joelhos. Empurrei-a e apressei-me a colocar a mesa entre nós.

Esta situação atçou a matilha inteira. Meia dúzia de demónios de quatro patas, de vários tamanhos e idades, saiu de tocas ocultas para o centro comum. Senti os meus calcanhares e as lapelas do meu casaco transformados em alvos preferenciais de ataque, e, enquanto repelia os agressores de maior porte, com a eficácia possível, a golpes de ataçador, vi-me forçado a pedir, alto, que alguém da casa me ajudasse a restabelecer a paz.

Mr. Heathcliff e o seu empregado subiram os degraus da cave com uma calma vexatória. Não creio que se tenham mexido um segundo que fosse mais depressa do que era habitual, apesar de na área da lareira imperar uma autêntica tempestade de tentativas de dentadas e aulidos.

Felizmente, uma habitante da cozinha foi mais expedita: uma mulher robusta, de vestido arregaçado, braços nus e faces afogueadas pelo lume, irrompeu pelo meio da confusão, brandindo uma frigideira — e com tal determinação usou essa arma, acolitada pela língua, que a tempestade amainou magicamente e só ela restava, a arfar como o mar depois de um vento forte, quando o seu amo chegou.

— Que diabo se passa? — perguntou, olhando-me de uma maneira que me custou a suportar depois daquele tratamento tão pouco hospitaleiro.

— Que diaba, deveras! — resmunguei. — A vara de porcos possessos não podia ter tido pior natureza do que estes seus animais. Foi como se deixasse um desconhecido com uma ninhada de tigres!

— Eles não se metem com pessoas que não tocam em nada — observou ele, pondo a garrafa à minha frente e arrumando no seu lugar a mesa deslocada. — Compete aos cães serem vigilantes. Toma um copo de vinho?

— Não, obrigado.

— Não foi mordido, pois não?

— Se tivesse sido, teria deixado a minha marca no mordedor.

O semblante de Heathcliff descontraiu-se num sorriso.

— Ora, está agitado, Mr. Lockwood. Vamos, tome um pouco de vinho. As visitas são tão extraordinariamente raras nesta casa que eu e os meus cães, estou disposto a admiti-lo, a bem dizer não sabemos recebê-las. À sua saúde.

Inclinei-me e retribuí o brinde, começando a compreender que seria estúpido ficar para ali amuado por causa do mau comportamento de uma matilha de rafeiros. Além disso, detestava a ideia de permitir que o indivíduo se divertisse mais à minha custa, pois o seu humor tinha esse vezo.

Levado, talvez, por considerações prudentes quanto à tolice de ofender um bom inquilino, Heathcliff amenizou um pouco o estilo lacônico de suprimir pronomes e verbos auxiliares, e enveredou por um assunto que supôs deveria interessar-me: as vantagens e desvantagens do lugar do meu presente retiro.

Achei-o muito conhecedor dos tópicos que abordámos; e antes de regressar a casa senti-me encorajado ao ponto de me dispor a fazer outra visita amanhã.

Ele não desejava, evidentemente, que a minha intrusão se repetisse. Mas eu irei, apesar disso. É espantoso como me sinto sociável, comparado com ele.